

NO CAMINHO DE PROUST: O CLÁSSICO E SUAS TRADUÇÕES COMO *ACONTECIMENTO*

IN PROUST'S WAY: THE CLASSIC AND ITS TRANSLATIONS AS AN EVENT

Gilles Jean Abes*

RESUMO

O presente trabalho aborda o caso da publicação do romance *Du côté de chez Swann* (1913), de Marcel Proust, na França, e sua tradução (1946) por Natalia Ginzburg, na Itália. Trata-se de uma análise realizada com base no conceito de rizoma, pensado por Deleuze e Gattari, e na micro-história de Giovanni Levi, buscando mapear o percurso assistemático de uma obra clássica. A essa rede rizomática, agrega-se a ideia de que toda publicação, edição, manuscrito ou ainda tradução, é compreendido como acontecimento. A micro-história se interessa justamente por estes acontecimentos "menores", e volta-se, a partir de uma análise das fontes, a eventos locais, a figuras anônimas, situados em micro-contextos, que, não obstante, permitem uma reflexão mais ampla dentro de um contexto maior, como um zoom sobre uma fotografia. Interessa-me, sobretudo, acompanhar a vida singular da obra de Proust, e de suas traduções, retrazendo a historicidade de seu acontecimento no campo da História da tradução.

Palavras-chave: Proust; rizoma; micro-história e história da tradução.

ABSTRACT

The present work studies the case of the publication of the novel *Du côté de chez Swann* (1913), by Marcel Proust, in France, and its translation (1946) by Natalia Ginzburg, in Italy. It is an analysis carried out based on the concept of rhizome, created by Deleuze and Gattari, and on the micro-history of Giovanni Levi, seeking to map the unsystematic path of a classic work. To this rhizomatic network, we add the idea that any publication, edition, manuscript or even translation, is understood as an event. Micro-history is interested precisely in these "minor" events, and turns, from an analysis of the sources, to local events, to anonymous figures, located in micro-contexts, which, nevertheless, allow for a wider reflection within a larger context, such as zooming over a photograph. Above all, I am interested in following the singular life of Proust's work, and its translations, portraying the historicity of his event in the field of the History of Translation.

Keywords: Proust; rhizome; micro-history and Translation history.

*Doutor em Estudos da Tradução (PGET/UFSC). Professor do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras (DLLE) na UFSC e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - PGET/UFSC. E-mail: gillesufsc@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-9063-1997>

INTRODUÇÃO

Cartografar o percurso singular e rizomático das obras - e das traduções -, eis um horizonte vastíssimo de pesquisa que me parece de primeira ordem. Reflito assim sobre um possível mapeamento e uma história de obras literárias no campo da História de tradução, com base no conceito de rizoma, pensado por Deleuze e Gattari, e na micro-história de Giovanni Levi. É a minha proposta para o romance *Du côté de chez Swann* (1913), de Marcel Proust.

Na primeira etapa desta reflexão, busco debruçar-me sobre uma concepção assistemática de levantamento e interpretação de dados. Trata-se da cartografia de um obra literária, e de suas traduções, associada a uma metodologia da história que tem como princípio uma escala de análise micro, que toma o *particular* como seu ponto de partida. O *particular*, vale dizer, não indica uma origem, mas se estabelece em múltiplas fontes, relações e tensões. Ao alocar tanto o original (texto originário) quanto o texto traduzido nessa rede assistemática, de inter-relação horizontal, possibilitaríamos a sua compreensão de uma forma não hierárquica, assim como a inclusão do percurso por vezes acidental de obras literárias como, por exemplo, os chamados "clássicos" - feita também do acaso, de recusas, censuras, esquecimentos, apropriações - e o caminho percorrido pelas suas variantes (na concepção borgiana): as traduções.

Num segundo momento, buscarei identificar os vestígios de um *acontecimento* literário, a publicação de um grande clássico do romance do século XX, o primeiro romance de Proust. Para tanto, é preciso descortinar o manto que encobre a obra. Em outras palavras, faz-se necessário desvelar seus percalços, sua instabilidade, antes e depois de sua publicação.

Na terceira parte desta reflexão, pretendo analisar o caso da tradução do primeiro volume da *Recherche (Em busca do tempo perdido)* na Itália, e de que modo tal tradução foi motivada, analisando a presença de Proust na família Ginzburg.

Finalmente, procuro, a partir do caso particular do romance proustiano e de sua tradução, elencar algumas reflexões a respeito da publicação enquanto *acontecimento*. Trata-se de analisar a jornada dos clássicos, e suas traduções, de simbolicamente retirá-los das prateleiras onde estão alocados, enquanto monumentos consagrados e supostamente estáveis: patrimônios.

A OBRA NUMA REDE ASSISTEMÁTICA DE VARIAÇÕES E RELAÇÕES

O rizoma é, na verdade, um tipo de raiz que se desenvolve sinuosamente e horizontalmente, daí o interesse em transformá-lo em conceito, por evitar a hierarquia da árvore que se fixa a partir de um ponto e de uma lógica vertical. O que se entende por acaso ou percurso fortuito é a trajetória sinuosa de obras de autores considerados clássicos da literatura. Proust é um deles, entre tantos outros autores: Woolf (*Mrs Dalloway*), Orwell (*Revolução dos bichos*), Melville (*Mobydick*), para citar apenas alguns. A ideia é simplesmente de tentar dar espaço a esse percurso não linear. Conforme os filósofos Gilles Deleuze e Félix Gattari, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza, que não possui nem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual cresce e transborda. Contrariamente a uma estrutura cuja definição pode ser resumida por um conjunto de pontos e posições, que possui correlações binárias e relações biunívocas, o rizoma é composto por linhas, de segmentaridade, de estratificação, como dimensões, mas também linhas de fuga. Segundo os dois filósofos franceses, o rizoma procede por variação, expansão. De modo oposto ao desenho ou à fotografia, no rizoma trata-se de um mapa que deve ser produzido, construído, que é desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga (DELEUZE; GATTARI, 1995, p. 31-32). Os princípios de conexão e heterogeneidade também são fundamentais para compreender essa vida singular das obras. As relações tornam-se múltiplas, não são mais correlações binárias, são como fibras nervosas que se expandem sem direção exata. Os traços do rizoma conectam pontos que não são da mesma natureza (projetos inacabados, obras anteriores, manuscritos, traduções, versões, adaptações, reencenações, etc.) e seguem ampliando-se, por variação (ABES, 2018, p. 36-37). Nessa perspectiva, toda relação binária se esvanece, como os debates entre autor *versus* tradutor ou original *versus* tradução. Não há mais oposição, antes relação e tensão.

Compreender o acontecimento da publicação de uma obra é alocá-lo nesse rizoma no qual ela cresce e transborda em direção às suas múltiplas origens, mas também seguindo em inúmeras

variantes, de diferentes naturezas, dentre elas paratextos e traduções (*lato sensu*). O mapeamento da vida singular da obra deve ser elaborado sobretudo como uma forma de abordá-la e interpretá-la.

DE UMA ANÁLISE MICRO-HISTÓRICA

O trabalho dos micro-historiadores se constitui essencialmente pela busca de uma descrição mais realista do comportamento humano, como afirma Giovanni Levi, no ensaio "Sobre a micro-história" (1992, p. 135). Ao invés de restringir-se a macroestruturas (como a obra *La Méditerranée et le Monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*, publicada em 1949 por Fernand Braudel), o desafio é o de descrever vastas estruturas sociais complexas, sem perder a visão da escala do espaço social de cada indivíduo, e a partir daí, do povo e de sua situação na vida. Para a micro-história, nos diz Levi (p. 135), "a redução da escala é um procedimento analítico, que pode ser aplicado em qualquer lugar, independentemente das dimensões do objeto analisado."

Do ponto de vista metodológico, trata-se de um procedimento que toma o particular como seu ponto de partida, um particular específico e individual, que prossegue à luz de seu próprio contexto (p. 154). As contradições dos sistemas normativos e por isso a fragmentação e a pluralidade dos pontos de vista que tornam todos os sistemas fluidos e abertos, eis o foco dos historiadores. Daí também sua relação com o conceito de rizoma. A partir dessa reversão de perspectiva, acentuam-se as ações mais insignificantes e mais localizadas, para demonstrar as lacunas e os espaços deixados em aberto pelas complexas inconsistências de todos os sistemas (p. 145-155).

A função da narrativa micro-histórica, mais especificamente, é a de apontar aspectos da sociedade que seriam distorcidos pela generalização (p. 152). É uma atenção voltada ao "normal excepcional", como definiu Edoardo Grendi, citado por Levi (p. 158). O procedimento analítico da micro-história produz um arcabouço de análise que rejeita simplificações, hipóteses dualistas, polarizações, tipologias rígidas e a busca de características típicas (p. 160). O verdadeiro problema para os historiadores, e diria também para os historiadores da tradução, é serem bem sucedidos no expressar a complexa realidade através de uma análise aprofundada dos dados e fontes. Metodologicamente,

é a ideia de se ler nas entrelinhas de um determinado documento, ou entre as figuras de um quadro, para discernir significados que previamente escaparam da explicação; ou a verdadeira importância daquilo que antes parecia ter surgido meramente por circunstância ou necessidade; ou o papel ativo do indivíduo que antes parecia simplesmente passivo ou indiferente. (p. 160)

Nas palavras de Jacques Revel, representante da micro-história francesa, "por que tornar as coisas mais simples, quando se pode torná-las complicadas?" (*apud* LEVI, 1992, p. 160)

NO CAMINHO DE PROUST

Passemos ao caso de Proust, a uma data central na sua obra: 1913. Mais precisamente, dia 14 de novembro de 1913. Data do que viria a ser um acontecimento literário: a publicação do primeiro volume da *Recherche: Du côté de chez Swann (No caminho de Swann)*, pela jovem editora Bernard Grasset (fundada em 1907), *à compte d'auteur*, ou seja, às custas do autor. Segundo Antoine Compagnon, o editor inclusive sequer teria lido o manuscrito antes de aceitá-lo. Foram impressos 1.750 exemplares de 520 páginas com vários erros de impressão que serão posteriormente corrigidos, inclusive a partir do manuscrito.

Mas dia 14 de novembro de 1913, na verdade, não pode ser visto apenas como um momento fixo ou um simples fato, como um dia no calendário. Trata-se da data de publicação do primeiro romance de um sujeito chamado Marcel Proust, que até então não havia publicado nenhuma obra digna de nota e que não era um romancista. Não obstante, uma publicação, compreendida pelo viés do conceito de *acontecimento*, é marcada pela dupla temporalidade de datas passadas e futuras, o antes e o depois do acontecimento, formado por vários eventos menores relacionados no tempo que, a bem dizer, tornam 1913 um *acontecimento*. Esses eventos constituem momentos desse complexo percurso da obra que são apagados pela força da data de publicação. 1913 condensa o autor em potencial e o autor revelado.

Como disse Antoine Compagnon no curso que ministrou no Collège de France em 2013,

intitulado "Proust em 1913", a obra de Proust, que é hoje vista como monumento e objeto estável, permaneceu incerta, móvel, precária até o último instante. Antes da publicação do primeiro volume da *Recherche* na editora Grasset, Proust ainda modificava o texto na quinta versão das provas, assim como o próprio título, a partir de manuscritos que já haviam sido submetidos a várias editoras. A *Mercure de France*, que já havia publicado as traduções de Proust (Ruskin), na pessoa de seu fundador, Alfred Vallette, recusou em 1909 o *Contre Sainte-Beuve* (narrativa ensaística publicada em 1954), manuscrito que integrava parte do primeiro volume da *Recherche*. Como afirma Compagnon no prefácio que escreve em 1988 para *Du côté de chez Swann*, "A história do romance é doravante a de uma longa série de recusas dos editores" (2018, p. 27). A *Mercure de France* já havia recusado, assim como a editora Calmann-Lévy e a Fasquelle, um volume de pastiches composto pelo autor com base no caso Lemoine. Ainda em 1909, Gaston Calmette, diretor do jornal *Le Figaro*, aceita publicar uma parte do romance em folhetins e prometeu sua publicação imediata, mas na primavera de 1910 nada foi publicado e Proust vai retirar seu manuscrito nas dependências do jornal, relatando, em uma carta em julho de 2010 para Georges de Lauris, "uma peregrinação muito melancólica" (2018, p. 27). É somente em 1912 que alguns trechos de "Combray", primeira parte de *Du côté de chez Swann*, serão publicados no *Figaro*.

As recusas poderiam ter provocado a desistência do autor. Ao invés disso, segundo Compagnon, Proust reformula profundamente o texto, ampliando, alterando suas partes, o título e os subtítulos e, sobretudo, define a *arquitetura* da obra.

Em 1912, um manuscrito muito diferente, *Le temps perdu*, primeira parte de *Les intermittences du coeur* (*As intermitências do coração*, antigo título da *Recherche*), cuja segunda parte se chamaria *Le temps retrouvé*, é enviado à editora Fasquelle e à Nouvelle Revue Française (NRF): as duas editoras recusam publicá-lo. A editora Ollendorff (de Maupassant e Colette) também rejeita a publicação desse volume em fevereiro de 1913.

Portanto, a base do romance se estabelece a partir de manuscritos instáveis e de notas tiradas dos famosos cadernos proustianos. Mesmo oferecendo-se para pagar a publicação do primeiro volume da *Recherche*, e tentando fortalecer seu nome junto aos editores usando intermediários (o próprio Calmette), o autor sofreu várias recusas, inclusive, a da NRF, da qual o principal responsável teria sido nada menos do que André Gide. Na verdade, a decisão parece ter sido coletiva, o primeiro responsável sendo Jean Schlumberger, que teria ironizado o romance "repleto de duquesas", seguido por Michel Ruyters, que julgara o romance mal escrito, e por Gérard Ghéon que nele enxergou "uma obra de lazer, o contrário de uma obra de arte". E sobretudo Jacques Copeau recusara várias vezes publicar trechos do *Swann* na revista. Gide sequer teria lido o manuscrito. Em todo caso, o arrependimento será imenso por parte do autor de *Os falsos moedeiros*, que perceberá mais tarde o equívoco da NRF. (ERMAN, 2012, n.p) As recusas que Proust sofreu, ou melhor, os comentários que fundamentaram as recusas, compõem uma primeira recepção da obra e alguns aspectos desses comentários persistirão após a publicação do romance.

Os eventos menores, de diferentes naturezas (artigos de jornal, cartas, manuscritos, encontros pessoais, etc.), antes de 1913, são significativos e participam da *formação* desse acontecimento. Em 1896, pela Calmann-Lévy, Proust publicava *Les plaisirs et les jours* (*Os prazeres e os dias*), livro de poemas em prosa, retratos e novelas, que recebe duras críticas do escritor Jean Lorrain que inclusive teria levado o crítico e o autor a um duelo, felizmente, sem graves consequências. A publicação vale a Proust a reputação de mundano diletante. Essa reputação de esnobe e até mesmo de burguês, no sentido pejorativo, o perseguirá até a publicação dos primeiros volumes da *Recherche*. Proust de fato perambula entre os meios da alta burguesia e da aristocracia francesa, frequentando salões da época e tira proveito de seu conforto financeiro para viver uma vida mundana, com toda certeza, mas também se dedicada, apesar da doença, a muitos anos de escrita.

Em 1895, empreende a redação de um romance que narra a vida de um rapaz apaixonado por literatura, na Paris mundana do final do século XIX, mas abandona o projeto por volta de 1900. Publicado em 1952, essa narrativa intitulada *Jean Santeuil*, nome do personagem principal, havia permanecido inédita até a morte do autor.

Proust volta-se então para o esteta inglês John Ruskin e começa a traduzi-lo com a ajuda da mãe, enquanto seus primeiros artigos sobre o inglês são publicados no *La Gazette des Beaux Arts*. Duas traduções serão publicadas: *La Bible d'Amiens*, em 1904, *Sésame et les lys*, em 1906, ambas pela *Mercure de France*.

A escrita da *Recherche* teria iniciado em 1907-08, sobretudo tomando notas em seus cadernos, modificando, cortando e acrescentando trechos, colando "paperolles" (papezinhos), como dizia Proust, nas páginas onde palpitariam mais de 200 personagens cobrindo quatro

gerações. Mas sobretudo, uma pergunta que o próprio Proust formulou, presente no caderno de 1908, ou caderno número 1, ecoa até nós: "Faut-il en faire un roman, une étude philosophique? suis-je romancier?" (Devo fazer disso um romance, um estudo filosófico? Sou um romancista?), conforme relata Compagnon em sua aula em 2013 no Collège de France.

Após o dia 14 de novembro de 1913, várias datas se sucederão como marcas de eventos de maior ou menor grau de importância. Primeiro, deu-se a recepção do romance de Proust com publicações de artigos críticos, o que revelou novas incompreensões, como a ideia de que *No caminho de Swann* não passava de uma autobiografia do autor, repleta de relatos de vida e lembranças de infância absolutamente banais (FRAISSE, 2013, p. 189). Era um livro sobre "nadas", como disse Paul Souday, pois nada ocorria. Essa crítica segue na mesma linha que o editor Paul Ollendorff que já havia comentado, para fundamentar sua recusa, sua frustração ao se interrogar como um autor pode levar trinta páginas para descrever nada mais do que um homem que está se virando e se revirando na cama antes de dormir (2018, p. 41). De modo geral, a recepção não será muito positiva, quando não negativa. Dia 10 de dezembro de 1919 comporta outro evento significativo, o segundo volume, *À l'ombre des jeunes filles en fleurs* (*À sombra das moças em flor*), publicado pela Gallimard, recebe o prêmio Goncourt. Mas, vale destacar, um prêmio literário não representa a garantia de que uma obra permaneça, nem mesmo o prêmio Nobel de literatura.

Outra importante data é a de 1954, marcada pela entrada de Proust na coleção da Pléiade. 1971 é outro momento que participa significativamente na formação do acontecimento que se forjou e edificou 1913, já que foi o ano de celebração do centenário de nascimento do autor, com inúmeros eventos e reportagens, culminando, no final do ano, com o debate "Proust et la nouvelle critique" (Proust e a nova crítica), que ocorreu na École Normale Supérieure na presença de Roland Barthes, Gérard Genette, Jean-Pierre Richard, Gilles Deleuze e outros, que representaria, segundo Compagnon, "les noces de l'oeuvre de Proust et de cette nouvelle critique" (a união da obra de Proust e dessa nova crítica). É também o ano em que as obras *Jean Santeuil* e *Contre Saint-Beuve* entram na Pléiade. Finalmente, sem pretender dar conta de todos os eventos que celebraram ou criticaram a obra proustiana, o que seria exaustivo, o ano de 2013 destaca-se como o centenário da publicação do primeiro romance de Proust, *Du côté de chez Swann*, com números especiais, colóquios, reportagens, exposições e o já mencionado curso que ministrou Compagnon.

PROUST NA FAMÍLIA GINZBURG

O reconhecimento da obra de Proust na Itália se deu rapidamente, assim como na Inglaterra, onde no *Times Literary Supplement* uma crítica julgou o romance fascinante e o alocou na linhagem de Henry James (ERMAN, 2012). Na França, segundo Vincent Ferré, "[...] mesmo em seu próprio país, o reconhecimento de Proust foi progressivo, feita de eclipses e polêmicas" (2013, n.p). Para além da incompreensão dos leitores na época (FRAISSE, 2013)¹, a resistência talvez tenha sido em decorrência da predominância do *biografismo* no país de Gustave Lanson, já que as lembranças do narrador do *Swann* foram associadas diretamente às do autor e consideradas fúteis. Na Itália, os intelectuais dos meios antifascistas de esquerda desconfiavam de uma escrita por demais elitista. Mas, paralelamente a críticas negativas, de um Benedetto Croce, por exemplo, a *Recherche* despertou entusiasmo.

Apesar de a obra de Proust ter sido lida inicialmente em francês, fica evidente a importância da tradução na recepção e influência do autor na Itália e em países como a Inglaterra e os Estados Unidos (*vide* FERRÉ, 2013).

Mas comecemos de outro ponto do rizoma, o caso de Proust na família Ginzburg, que tomo como "normal excepcional". O caso em questão ilustra, a meu ver, uma possibilidade de aplicação do procedimento analítico micro-histórico aos Estudos da Tradução, já que a minha análise toma como ponto de partida o *particular* para, a partir desse foco, desenvolver uma discussão mais ampla. Entendo aqui esse particular da seguinte maneira: interpretar como a leitura de Proust penetrou, de maneira fortuita, em uma família de intelectuais antifascistas, um círculo familiar composto por membros que demonstravam apreço pela literatura e outros que ironizavam-na, na figura do pai de Natalia, um "Sir Charles Percy Snow"² italiano, numa batalha entre a cultura literária e a cultura científica. Não há aqui instituição. Não há manual de literatura. Nenhum crítico literário. Nenhum membro de uma Academia. Apenas o domínio do privado, uma singela família da qual alguns membros se tornarão famosos: a autora Natalia Ginzburg e seu filho, Carlo, renomado historiador.

O romance *Léxico familiar* (2018), de Natalia Ginzburg, publicado em 1963, tende,

conforme a própria autora, antes à autobiografia e a um relato de lembranças, do que à ficção, e narra a história de sua família. Diz ela: "Neste livro, lugares, fatos e pessoas são reais. Não inventei nada" (2018, p. 15). O termo romance é empregado por Ginzburg, consciente da parte ficcional que cabe a toda (auto)biografia. Portanto, abordo a obra como memórias na qual há várias referências a Proust. Diz a protagonista-narradora:

De um lado havia Gino e Rasetti, com as montanhas, as "pedras pretas", os cristais, os insetos. Do outro havia Mario, minha irmã Paola e Terni, que detestavam a montanha e adoravam ambientes fechados e tópicos, a penumbra, os cafés. Adoravam os quadros de Casorati, o teatro de Pirandello, os poemas de Paul Verlaine, as edições de Gallimard, Proust. Eram dois mundos incomunicáveis.

Eu ainda não sabia se iria escolher um ou outro. Era atraída por ambos. [...] No mundo de Rasetti e de Gino tudo era claro, tudo se desenrolava à luz do sol, tudo era plausível, não havia mistérios ou segredos; e, ao contrário, nas conversas que Terni, Paola e Mario tinham no sofá da sala, havia um não sei quê de misterioso e de impenetrável, que exercia sobre mim um misto de fascínio e de espanto.

- O que tanto o Terni cochicha com Mario e Paola? - dizia meu pai à minha mãe. - Estão sempre aí, cochichando pelos cantos. Que farolagens são essas?

Para meu pai, farolagens eram os segredos; e detestava ver pessoas conversando absortas e não saber o que diziam.

- Devem estar falando de Proust - dizia-lhe minha mãe.

Minha mãe lera Proust, e ela também, como Terni e Paola, amava Proust; e contou a meu pai que esse Proust era uma pessoa que gostava muito de sua mãe e da avó; e tinha asma, e nunca podia dormir; e como não suportava os ruídos, tinha forrado de cortiça as paredes de seu quarto.

Meu pai disse:

- Devia ser um bronco! (p. 68-69)

Vale notar que Terni, amigo da família, introduz Proust e também trouxe a NRF na casa dos Ginzburg (p. 74). E outro encontro fortuito vai influenciar a família Ginzburg quanto à leitura de Proust. Continua a narradora:

Paola andava apaixonada por um colega da universidade: moço miúdo, delicado, gentil, de voz persuasiva. Passeavam juntos à beira do Pó e nos jardins do Valentino; e falavam de Proust, sendo o jovem proustiano fervoroso: aliás, fora o primeiro a escrever sobre o Proust na Itália. Esse moço escrevia contatos e ensaios de crítica literária. (p. 76)

O famoso namorado de Paola era Giacomo Debenedetti, proustiano da primeira hora, que se tornaria um grande crítico literário e que escreveu um dos primeiros ensaios sobre a obra proustiana (FERRÉ, 2013).

Em nova referência, a mãe de Natalia pede notícias sobre a sua tradução de Proust: "- Quando sai a sua tradução de Proust? - dizia-me minha mãe. - Faz muito tempo que não releio Proust. Mas me lembro dele, é lindíssimo! Lembro de Madame Verdurin! Odette! Swann! Madame Verdurin devia ser meio parecida com a Drusilla!" (p. 226)

Ginzburg escolherá o caminho da literatura. Será uma das primeiras tradutoras de Proust na Itália. Sua tradução de *Du côté de chez Swann*, *La strada di Swann*, iniciada na década de 30, foi publicada em 1946, pela Einaudi, após o fim do fascismo e da Segunda Guerra Mundial. Uma

segunda tradução será lançada no mesmo ano, pela editora Sansoni, *Casa Swann*, de autoria de Bruno Schacherl. Ainda em 1946, é publicado *Un amore di Swann*, com tradução de Armando Landini e, dois anos depois, a versão de Giacomo Debenedetti, considerado um dos grandes proustianos italianos, que já havia publicado, na década de vinte, um artigo intitulado "Proust em 1925", na revista *Il Baretto*. Conforme Mariolina Bertini, Debenedetti não foi o primeiro a falar sobre Proust na Itália, ao contrário do que pensava Natalia Ginzburg, embora tivesse dedicado a Proust ensaios pioneiros em 1925 e 1928. O primeiro a falar sobre Proust na Itália foi o jornalista Lucio D'Ambra que, em dezembro de 1913, ao analisar o primeiro romance de Proust, escreveu: "Lembrem-se desse nome e desse título: Marcel Proust e *Du côté de chez Swann*. Daqui a cinquenta anos, nossos filhos provavelmente os encontrarão ao lado de Stendhal, do *Rouge et le Noir* e da *Chartreuse*" (2014, p. 193). E Proust que se queixava por nunca receber do *Figaro* as poucas cartas que lhe eram endereçadas e eram colocadas na mesa de um Marcel mais ilustre e cujo nome era parecido: Marcel Prévost.

Nesse contexto de entusiasmo e desconfiança, e de uma proliferação de traduções e artigos sobre Proust a partir de 1946, o acontecimento da tradução de Ginzburg se dá por ser a primeira peça de um projeto de tradução integral da *Recherche*, pela editora Einaudi. Salvo engano, serão quatro traduções integrais para o italiano do ciclo proustiano, sendo a da Einaudi a primeira. Inicialmente cotada para verter o ciclo todo, cada volume foi na verdade traduzido por um tradutor diferente, muito provavelmente sob a direção da própria Ginzburg. Segundo Mariolina Bertini, entre 1946 e 1983, ano em que a tradução de Giovanni Raboni começa a ser publicada pela Mondadori, a esmagadora maioria dos leitores italianos de Proust teve contato com a *Recherche* passando pela tradução e mediação da voz de Natalia Ginzburg, através do filtro de suas escolhas lexicais e sintáticas, de sua escrita, de seu estilo (2014, p. 191). Carlo Ginzburg, filho de Natalia, cujo contato com a obra se deu primeiro em francês, se surpreendeu ao ler posteriormente a tradução de sua mãe e nela reconhecer o "léxico familiar" descrito por ela no romance homônimo.

Bertini afirma ainda:

Podemos observar como esse mito Proust influenciou a vida de Natalia Ginzburg e o ingresso de sua obra no sistema literário italiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Às grandes estruturas que estabelecem a recepção de uma obra num sistema literário, poderíamos contrapor as microanálises, não para negar as primeiras, mas para evitar as generalizações a que tendem as grandes estruturas, e descortinar uma realidade que é sempre mais complexa, imprevisível e contraditória. É preciso desvendar o *particular*, os eventos menores, como vestígios de um acontecimento que deixa de ser meramente um fato pontual, para cinzelar um devir que matiza o nascimento de um monumento.

Assim, o objeto que analisei sob a ótica da micro-história e do conceito de rizoma, a publicação do volume *Du côté de chez Swann* e sua tradução na Itália, permitiu, espero, observar outras possibilidades de análise da História de traduções, desvelando percursos não lineares e heterogêneos. Proust se fez presente na família Ginzburg por causa de encontros fortuitos e de um ambiente entusiasta em relação à *Recherche*, que despertaram em Natalia Ginzburg não somente um interesse pela literatura, mas também como que uma pulsão de traduzir Proust (no sentido bermaniano), algo ligado sobretudo a uma decisão pessoal e a um mito gerado na família em torno da figura do autor.

Cabe, portanto, a partir desse caso particular, refletir sobre esses acontecimentos. Como disse Michel de Certeau, "o acontecimento é o que ele se torna" (*apud* DOSSE, 2013, p. 1). A história da obra *Du côté de chez Swann* é uma narrativa marcada pela instabilidade, por fracassos, recusas, humilhações e preconceitos ("Proust era um esnobe"), pelas desilusões e persistência do autor, até o último instante, antes de tornar-se um monumento. O título de um artigo de Michel Erman, outro especialista de Proust, é revelador para essa discussão: "*Du côté de chez Swann*, le roman qui aurait pu ne jamais paraître." (*Du côté de chez Swann*, o romance que poderia jamais ter sido publicado.)

Como procurei mostrar, o acontecimento da publicação - do original ou da tradução - não corresponde mais a simples datas no calendário, que poderíamos dispor em tabelas, mas a um devir que deita suas raízes no passado e no futuro, formado por um complexo e heterogêneo conjunto de eventos menores, de diferentes naturezas, no entanto, não menos importantes para a constituição desse acontecimento literário, de sua tradução e de sua posterior apropriação pelas instituições e indústria cultural. Cabe ao pesquisador, inclusive no campo da História da tradução, selecionar

esses eventos menores, alocá-los numa rede assistemática e fazer com que devenham acontecimento. É preciso *fazer falar* os dados levantados, compondo, a partir deles, uma narrativa. As tabelas e gráficos em si não bastam para articular o gesto de um historiador. Há historicidade apenas se houver interpretação desses dados em sua relação e tensão temporais. O conceito de *acontecimento* (com base na historiografia) e no método analítico da Micro-história, é certamente um caminho possível para os historiadores da tradução.

A narrativa que procurei construir, com o exemplo do romance proustiano e de sua introdução na família Ginzburg, trata da importância do acaso no percurso de obras clássicas e do papel fundador de personagens mais "anônimos" (que não são grandes personagens da história). A partir da abordagem do particular, ou micro-histórica, podemos complementar e discutir as teorias descritivistas, principalmente no aspecto assistemático confrontado ao sistema. O fortuito, o acidente, o acaso, são elementos que devem ser levados em conta nos percursos de uma obra, que podem ser analisados graças à análise micro-histórica com base numa concepção rizomática dos sistemas. O caso mais recente, perfeita ilustração da questão, é o crescente interesse e número de leitores que vem ganhando o romance *A peste*, de Albert Camus, com a pandemia da covid-19.

Em suma, o clássico, se é um patrimônio, antes de mais nada *se tornou* patrimônio e monumento. E há, a meu ver, um elemento negativo nessa apropriação. Fábio Durão se questiona a respeito da transformação da obra de Shakespeare em mercadoria, em inúmeras variantes, dos filmes aos desenhos animados, gerando uma poluição narrativa ou um simulacro que dificultaria a apreciação estética da obra (2016, p. 15). Da mesma forma, indago se a transformação de Proust em patrimônio não esvaziaria a potência do texto?

Não há dúvida de que Natalia Ginzburg, com o *acontecimento* de sua tradução - motivada por encontros fortuitos - insuflou uma vida nova à obra de Proust e, com uma linguagem ginzburgiana, criou uma nova vida, um texto outro que influenciou o sistema literário italiano e que participou em tornar 1913 o *acontecimento* da publicação de uma obra clássica da prosa do século XX: *Du côté de chez Swann*.

Ainda assim, segundo Compagnon (2011), Proust é pouco lido, inclusive na França, e a leitura da *Recherche* exige um esforço e um tempo dos quais poucos leitores parecem hoje "dispor". Há aqui manifesto paradoxo: o título de "clássico" não garante sua leitura e permanência, tampouco sua presença nos programas escolares.

A transformação em patrimônio traz consigo a dupla fortuna do livro que simultaneamente é agraciado, ao ingressar numa biblioteca e em manuais, mas condenado à poeira, ressoando marcadamente no patrimônio cultural como voz esvaziada e distorcida. Basta ver a situação de Paulo Freire no Brasil atualmente: suas famosas "frases de caneca" estão em toda parte, e seu pensamento em parte alguma, pois poucos leem de fato a obra de Freire em relação àqueles que o citam. A crise da leitura pode explicar apenas em parte essa situação.

Ao fim e ao cabo, corremos o risco de deambular num belíssimo hall de um hotel de luxo cuja biblioteca, repleta de livros de capa dura, encham nossos olhos de nomes familiares escritos em letras douradas. Passando pelos volumes e nomes como diante de uma bela paisagem, não nos damos conta de que essas obras não possuem páginas, de que servem apenas de decoração oca - e simbolizam um total esvaziamento do que impulsionou sua riqueza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABES, Gilles. "Tradução, autoria e original: potências do rizoma." In: Revista da Anpoll v. 1, n; 44, p. 25-40, Florianópolis, Jan./Abr. 2018

BERTINI, Mariolina. "Attraverso Natalia: um percurso proustiano degli anni sessenta." In: DOLFI, Anna. *Non dimenticarsi di Proust: declinazione di un mito nella cultura moderna*. Firenze University Press, 2014.

COMPAGNON, Antoine. "Proust en 1913". Collège de France.

_____. 'Le classique'. 2011. Articles en ligne. Collège de France.

DELEUZE, Gilles; GATTARI, Félix. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 1*. Tradução Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DOSSE, François. *Renascimento do acontecimento: um desafio para o historiador: entre Esfinge e Fênix*. Tradução de Constança Morel. - São Paulo: Editora Edusp, 2013.

DURÃO, Fábio Akcelrud. *O que é crítica literária?* - São Paulo: Nankin Editorial, Parábola

Editorial, 2016.

ERMAN, Michel. "*Du côté de chez Swann*, le roman qui aurait pu ne jamais paraître."

Libération - 28 décembre 2012 à 19:06. Consultado em 03 de dezembro de 2018.

FERRÉ, Vincent. "À l'ombre de Proust." In: *D'après Proust, 2013*, p. 255-266. HAL (Archives Ouvertes Françaises,), 2013.

FRAISSE, Luc. "Il y a cent ans paraissait *Du côté de chez Swann*", Synergies Espagne n.6 - 2013 p. 187-197.

GINZBURG, Natalia. *Léxico familiar*. Tradução de Homero Freitas de Andrade. - São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

LEVI, Giovanni. "Sobre a micro-história." In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. - São Paulo: Editora Unesp, 1992.

MARX, William. *La haine de la littérature*. - Paris: Les Éditions de Minuit, 2015.

PROUST, Marcel. *Du côté de chez Swann*. Préface d'Antoine Compagnon. Paris: Gallimard, 2018.

NOTAS

- 1 Sobre a incompreensão que gerou a obra de Proust nos leitores, ver artigo "Il y a cent ans paraissait *Du côté de chez Swann*", de Luc Fraisse.
- 2 Que no dia 07 de maio de 1959 proferiu a famosa palestra "As duas culturas e a revolução científica" na universidade de Cambridge, durante a qual condena a cultura humanística e a literatura. Ver *La haine de la littérature*, de William Marx.